

O ODISSEU

Edição 009
Fevereiro de 2023

**"Do passado ao futuro:
a melancolia de um
país preso no presente"**

Caio Paiva Ribeiro retoma o debate do clássico "Brasil, um país do futuro", de Stefan Zweig numa perspectiva contemporânea

O BRASIL DO FUTURO

"Confabulações em torno de 'Futuro Ancestral', de Ailton Krenak"

O Professor e Doutor André Aires escreve sobre os desafios do Brasil a partir de uma resenha do mais novo lançamento de Ailton Krenak.

"Brasil: Um País sem memória"

Ewerton Ulysses Cardoso escreve sobre a importância do artista para a construção da memória nacional.



CONTRACAPA



Sumário

"Para o Brasil real vencer, o Brasil de Bolsonaro precisa ser sepultado", de Raique Lucas de Jesus Correia.....	2
"Brasil: Um país sem memória", de Ewerton Ulysses Cardoso.....	5
"Não deixe a Democracia morrer: Divagações de uma leitora", de Aline de Fraga Sulzbach.....	7
"Gatos, Necrofilia e o Brasil Atual", de Ricardo Luigui Zivko.....	9
"Confabulações em torno de 'Futuro Ancestral', de Ailton Krenak", de André Aires.....	11
"Do Passado ao Futuro: A melancolia de um país preso no presente", de Caio Paiva Ribeiro.....	15
"Relatos desesperançosos (motivadores de luta por dias melhores", de Pedro Henrique Rodrigues.....	20
SOBRE A REVISTA O ODISSEU E A MISSÃO DE DEMOCRATIZAR A LITERATURA.....	23

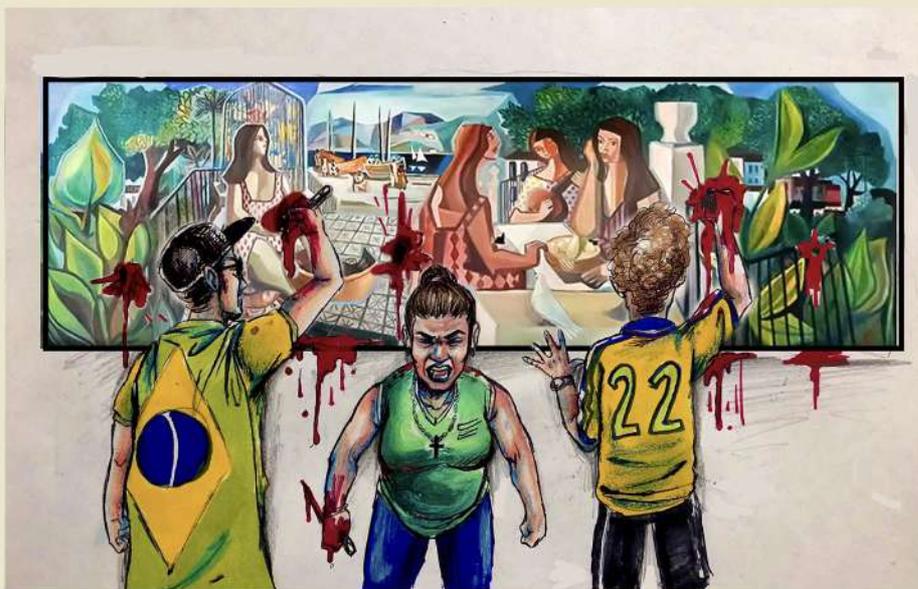


ILUSTRAÇÃO DE MAICON AQUINO
(@AQUINART)



Para o "Brasil real" vencer, o Brasil de Bolsonaro precisa ser sepultado!

Raique Lucas de Jesus Correia - Colunista

A entrega da faixa presidencial pelo "povo" a Luís Inácio Lula da Silva foi um gesto simbólico que me deixou profundamente emocionado e esperançoso com o futuro do Brasil. Embora todas as queixas e ressalvas que nós da Esquerda temos em relação ao legado dos governos do PT, isso não muda o fato que, em nossa atormentada história, o povo brasileiro nunca foi tão respeitado e nunca esteve tão próximo dos espaços de poder quanto durante as gestões de Lula e Dilma. E quando eu digo "povo brasileiro", eu me refiro, evidentemente, na linha dos ensinamentos de Ariano Suassuna, ao nosso povo pobre, negro, índio e mestiço, povo que o "Brasil oficial", o dos ricos e poderosos, sempre tentou corromper, aviltando a dignidade do nosso país e envilecendo a integridade da nossa cultura.

Em uma belíssima carta endereçada a Francisco Brennand, Ariano Suassuna recorda duas citações das quais nunca me esqueci. A primeira é do grande poeta russo Bóris Pasternak que, um dia, escreveu: "É preciso cerrar os dentes e compartilhar a sorte do nosso país". Era um tempo em que a sua pátria vivia a impostura do Stalinismo, oprimida pela violência de uma ditadura desumana e perversa. Hoje, o

Stalinismo não existe mais, entretanto, as palavras de Pasternak continuam vivas, revelando-se cada vez mais atuais. Se o Stalinismo era perverso, o Capitalismo não deixa de sê-lo. Como afirma Suassuna: "a impostura, a opressão hipócrita do Capitalismo, a ditadura do consumo, da vulgaridade e do gosto médio imposto como modelo através dos meios de comunicação de massa, essa ditadura branca está fazendo algo talvez pior do que oprimir a pátria de Gógol e Dostoiévski, primeiro traída por Gorbachev e depois aviltada por Bóris Yeltsin".

É aí que entra a segunda citação rememorada por Suassuna, desta vez do filósofo francês Jules Michelet: "A pessoa humana é coisa sagrada. Na medida em que uma Nação assume o caráter de pessoa e se torna uma alma, sua inviolabilidade aumenta na mesma proporção. O crime de violar a personalidade nacional torna-se, então, o maior dos crimes. Assassinar um homem é um crime. Que coisa terrível não será, portanto, assassinar uma Nação? Como qualificar tal monstruosidade?". Para Suassuna, pior do que "assassinar uma nação", é aviltá-la, envilecê-la, abandoná-la ao desprezo, insultá-la em sua honra, roubar-lhe a alma. Para esse crime, enfaticamente sentencia Suassuna,

“não deveria existir prescrição”.

Infelizmente, há tempo o nosso país vem sendo vítima desse disparate, o que faz da indignação de Suassuna, como o era a indignação de Pasternak, um alerta sobre o futuro da nação. Lembro-me de uma campanha levada ao ar pelo Jornal Nacional, em que os telespectadores eram questionados a propósito do Brasil que eles queriam para o futuro. Essa pergunta nunca fez tanto sentido, como faz agora. Depois de quatro anos de um governo reacionário e entreguista, restam os “destroços” de uma nação enganada e cujas esperanças foram desfeitas. Retomando as palavras de Suassuna, agora com mais vigor do que quando foram proferidas, as forças retrógradas e os parasitas do poder, parcialmente vencidos na última eleição, continuam “aviltando nosso povo, violando e roubando a alma e a honra do nosso país”. **É por isso que, mais do que nunca, “é preciso cerrar os dentes” e ir à luta para impedir que essas forças desmantelem o que sobrou do nosso “sonho de Nação”.**

Essa luta, se imprescindível em todos os campos, sobreleva-se na esfera cultural. É revelador que quando os bárbaros bolsonaristas invadiram o Palácio do Planalto, um quadro do Di Cavalcanti tenha sido esfaqueado. Sim! Uma obra de arte foi esfaqueada. Para além desse crime hediondo praticado com requinte de crueldade, outros crimes já vinham sendo praticados por Bolsonaro e seus seguidores quando aquele esteve no poder. O desmonte no Ministério da Cultura (agora revitalizado no novo governo Lula), com um nazista indicado por Bolsonaro para ocupar a pasta. O desmonte na Fundação Palmares, com o apagamento da ancestralidade negra e africana que, juntamente com a nossa herança mouro-ibérica e tapuia, formam o principal tronco da nossa cultura. E, finalmente, a cena do então presidente da República prestando continência para a bandeira dos Estados Unidos, são apenas alguns dos fatos que atestam a ojeriza e o desprezo do ex-presidente da República e dos seus comparsas à cultura e ao povo do “Brasil real”. A propósito, esta última cena revela, para além do seu aspecto grotesco (como explica Foucault), a verdadeira face do “Brasil oficial” de Bolsonaro e de nossa

“elite do atraso” (como explica Jessé Souza), fortemente americanizado e profundamente hipócrita.

Aqui, não há como não mencionar dois episódios que nos são igualmente reveladores. O primeiro é uma história contada pelo próprio Suassuna quando assumiu uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Na ocasião, foi convidado para almoçar na casa de um casal rico, como um gesto simpático de recepção pela honraria que acabara de receber. Durante o jantar, a mulher rica lhe perguntou: “você certamente já foi a Disney, não é?”. Suassuna, a princípio, não entendeu a pergunta, pois não ligou Disney à Disneylândia, parque temático que fica localizado próximo a cidade de Orlando (para onde fugiu o ex-presidente Bolsonaro antes da posse de Lula). Após se dar conta do que se tratava, Ariano respondeu que nunca conheceu a Disney. A mulher rica, inconformada, redarguiu: “foi aos Estados Unidos e não foi à Disney?”, pelo que Suassuna respondeu informando que nunca foi aos Estados Unidos e que, na verdade, nunca saiu do Brasil. Neste momento, ele revela que percebeu a cara de decepção da mulher que, segundo ele, aparentemente dividia o mundo em duas categorias: aqueles que foram a Disney e aqueles que não foram. Ele, coitado, embora um dos maiores escritores da literatura brasileira, para aquela ignorante mulher (imagem e reflexo da nossa elite), por nunca ter ido à Disney, não passava disso: um “mero escritor brasileiro” que nunca conheceu as maravilhas daquele refinado “monumento da humanidade”.

O outro episódio, mais recente e nem um pouco cômico, refere-se a um ato de vandalismo praticado contra a Estátua de Ariano Suassuna que fica localizada à beira do rio Capibaribe, no Recife. Esse ato ocorreu em 2020, quando Bolsonaro ainda era presidente da República. Os vândalos que derrubaram a estátua nunca foram identificados, mas na época o seu filho mais velho que também é artista plástico, Manuel Dantas Suassuna, comentou o caso na imprensa e atribuiu o ato de vandalismo a atmosfera de radicalização política que naquele momento já começava a se instalar no Brasil alavancada pelo bolsonarismo. Na mesma matéria, Manuel cita um comentário engraçado feito pela

sua filha ao ver a notícia no jornal: “Eu acho que o vovô se jogou, com o Brasil que ele tá vendo”. De fato! Se Ariano estivesse vivo, estaria profundamente abalado com tudo o que aconteceu nos últimos anos. Mas como um “realista esperançoso” irremediável que era, estaria na linha de frente fazendo o que sempre fez: lutando contra os aviltadores da Pátria e cantando a sorte do nosso país.

É por isso que o Brasil que eu quero para o futuro é o Brasil sonhado por Suassuna. O Brasil dos nossos cantadores, dos nossos poetas populares, o “Brasil real” do nosso povo sertanejo e favelado. Esse Brasil, justo e sincero, é o oposto do Brasil “caricato e burlesco” – para utilizar uma expressão de Machado de Assis – de Bolsonaro e seus seguidores. Portanto, para que o “Brasil real” possa vencer, para que este Brasil verdadeiro e profundo possa brilhar, o Brasil de Bolsonaro, Paulo Guedes e quejandos precisa ser sepultado! Enquanto o “Brasil oficial” não for para a guilhotina, a cabeça do “Brasil real”, como já sucedera em Palmares, em Canudos e no Contestado, continuará sendo cortada pela “Besta de Sete Cabeças e Dez Chifres”.

O que ocorreu em Brasília no último dia oito de janeiro e o que já vinha ocorrendo quatro anos antes, durante o governo Bolsonaro, não pode ser qualificado de outra maneira senão como um crime praticado contra a nossa nação e contra o nosso povo. Façamos, então, como Euclides: denunciemo-lo. Se quisermos honrar a memória de Suassuna e a memória de todos aqueles que lutaram e deram suas vidas por este país, inclusive, aqueles heróis – os verdadeiros heróis brasileiros – que queimaram nas brasas ardentes de Canudos, então não podemos cometer o mesmo erro de antes e anistiar os aviltadores. Para esse crime não há prescrição, por isso condenar os seus perpetradores é o primeiro passo para reconstruir esse país, sem os fantasmas do passado e com toda glória que nos aguarda no futuro. Que Bolsonaro vá para a cadeia e que os seus comparsas o acompanhem, porque o Brasil que hoje renasce é o “Brasil da Esperança” e nesse novo Brasil não há espaço para entreguistas, terroristas, bolsonaristas.

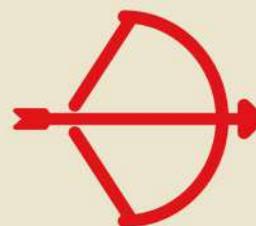




ILUSTRAÇÃO DE MAICON AQUINO
(@AQUINART)



Brasil: Um país sem memória

Ewerton Ulysses Cardoso - Colunista e Editor

Lygia Fagundes Telles morreu no dia 03 de abril de 2022, um domingo. Na ocasião, todos os mais importantes jornais noticiaram sua morte. Eu mesmo soube da notícia por meio do noticiário da Folha de S. Paulo. Um editorial singelo, apresentava algumas das obras da autora, os momentos marcantes e uma lista de seus prêmios. À noite, o principal programa jornalístico dominical, o Fantástico, apresentou uma matéria de exatos 6 minutos sobre a vida da grande dama da literatura brasileira.

No dia seguinte, 04 de abril de 2022, uma pequena reportagem no Jornal Hoje, da Rede Globo, e uma apresentação mais demorada da vida e obra de Lygia nos telejornais do estado de São Paulo. À noite, o principal telejornal brasileiro, o Jornal Nacional, não disse uma palavra sobre a morte de Lygia Fagundes Telles.

Pelo o que li, o enterro da Lygia foi aberto ao público na Academia Paulista de Letras, mas houve pouca movimentação. Não encontrei nenhuma foto nos jornais sobre o velório. Escreveram mensagens de condolências o atual Ministro da Fazenda, e então candidato a governador pelo estado de São Paulo, Fernando Haddad. Publicou uma foto no qual ele e Lygia entram de braços dados na APL. O governador de São Paulo na época, João

Dória, decretou luto oficial de três dias no estado. Não houve uma palavra vinda do então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, mas eu não iria esperar coisa alguma dele. Ao meu redor, tudo fluía na mais perfeita naturalidade. Foram poucas as publicações de amigos meus nas redes sociais sobre a Lygia. A morte da dama não foi assunto de conversa na fila do supermercado e mesmo na universidade, lugar em que eu acreditava que encontraria alguma singela homenagem à Lygia, nada foi dito. Era estranho o contraste. Porque em meu interior eu sofria um luto pungente. Olhava para a cidade em movimento pela janela do carro pensando no que seria do Brasil sem a presença de Lygia Fagundes Telles.

Uma das formas de lidar com o luto foi elaborar a edição da Revista O Odisseu que juntava cartas à escritora. Nos meses anteriores eu tinha enviado diversas mensagens para as redes sociais da neta de Lygia. Queria muito saber como ela estava. A ausência de conteúdos sobre a escritora me inquietava. Sim, foi escolha da escritora viver seus últimos anos em reclusão, mas eu não tenho culpa da minha admiração, tampouco deste meu coração emocionado que sentia o desespero da iminente partida de Lygia.

Passaram-se semanas, meses, findou o ano, um novo presidente foi eleito. Já não se falava em LFT. O nome da escritora não apareceu em nenhuma das retrospectivas televisionadas, na parte em que fazia-se o In Memoriam. Tudo bem que o ano de 2022 foi um ano de perdas arrasadoras. Num mesmo ano perdemos Elza Soares, Jô Soares, Gal Costa, Erasmo Carlos, Nélida Piñon, Pelé e muitos outros. Até o Papa faleceu nos últimos dias do ano. Mas não vejo como não mencionar o nome de Lygia.

Me impressiona como o nosso país despreza a literatura. Não se tem memória literária neste país, apenas. Vivemos anos numa preocupação do Brasil vencer um hexacampeonato no mundial, sendo que temos o maior número de estrelas numa camisa de seleção mundial, mas não torcemos pelos nossos escritores, não reivindicamos o seu lugar no cânone mundial, não nos inquietamos com o silêncio da Academia Sueca com os nossos nomes.

Tudo bem que não é uma exclusividade da literatura, pois o mesmo pode ser dito do nosso cinema, em menor proporção, e também dos demais esportes, que não o futebol. Morre um medalhista do vôlei e nós não sabemos quem é, o nome, não reconhecemos essas figuras. As pessoas não sabem que João Gilberto ganhou o mais importante prêmio da música mundial em sua principal categoria, o Grammy de Álbum do Ano, em 1965, concorrendo com Barbara Streisand e The Beatles. É preciso que venha um artista nacional, como o Kurt Cobain, para fazer com que os brasileiros olhem para os seus próprios artistas, como aconteceu com Os Mutantes. Boa parte dos brasileiros já havia esquecido de Arnaldo Baptista e só precisou do elogio de um estadunidense para que pudéssemos olhar para a genialidade do membro fundador da banda psicodélica brasileira da década de 1960.

Nós não sabemos quem foram os brasileiros indicados ao Nobel. Não assistimos aos filmes nacionais que foram indicados ao Oscar. Não sabemos que Fernanda Torres recebeu um prêmio inédito de interpretação no Festival de Cannes em 1986 por sua performance estarrecedora em "Eu sei que vou te amar".

Damos fama e dinheiro a pessoas que poderiam passar despercebidas da história mundial e idolatramos o que temos de mais pequeno e pobre. O que mais me inquieta é que os nossos grandes, estão morrendo. Nossa última esperança de um Prêmio Nobel de Literatura, Nélida Piñon, faleceu no fim do ano. Os nossos originais e ímpares, estão morrendo. Ficamos com uma literatura cada dia mais panfletária, uma música cada vez menos original, para não falar do esporte.

Muito se pergunta do por que o Brasil não vai para frente. Para mim, a resposta é clara: nem os brasileiros acreditam nos brasileiros. Li um dia desses a crônica em que Nelson Rodrigues apresenta o termo "complexo de vira-lata", falando sobre como nós, brasileiros, temos séria dificuldade em reconhecer que temos talento. Aparentemente isso pode soar como um problema meramente social, mas é também político e econômico.

É por não acreditarmos em nós mesmos que não existe política de incentivo à arte, editais para seleção de projetos literários, de dramaturgia, de cinema. É por isso que não temos incentivo aos nossos esportistas que treinam em terrenos baldios por não terem o mesmo patrocínio que os futebolistas homens. Os nossos grandes pianistas, os violistas, os artistas plásticos, os poetas, os cinegrafistas, os ESCRITORES! Será que não existem?

Para finalizar, retomo as palavras de Nelson Rodrigues que, mais do nunca, merecem ser lembradas:

"... Eis a verdade: Acredito no Brasileiro, e pior do que isso: - Sou de um patriotismo inatual e agressivo - digno de um bigodudo. (...) O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas".

Acrescento: ou então ressignificar o que é ser um vira-latas. Um caramelo pode ser mais fiel que um Terrier.

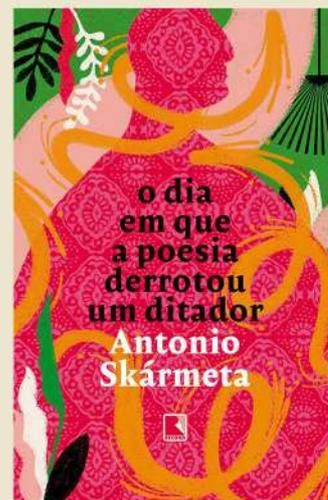


FOTO 1: DITADURA PINOCHET:

http://ep01.epimg.net/internacional/imagenes/2013/09/05/actualidad/1378356025_053445_1378358306_noticia_normal.jpg

FOTO 2: CAPA DO LIVRO "O DIA EM QUE A POESIA DERROTOU UM DITADOR" (EDITORA RECORD):

<https://m.media-amazon.com/images/I/91tcFUJ+seL.jpg>



Não deixe a Democracia morrer: Divagações de uma leitora

Aline de Fraga Sulzbach - Colunista

A hora de escolher um único livro para a escrita do texto é sempre um momento de pensar muito, angústia e drama do leitor ou fiasco literário (e não sou canceriana). Sim, faço drama pessoal na escolha dos títulos para escrita.

A história é escrita todos os dias em nosso país chamado Brasil e também no mundo. Alguns acontecimentos deixam marcas para sempre e ultrapassam os séculos. Os acontecimentos da atualidade são a tentativa de retorno da ditadura militar, facismo e a morte da democracia (é mole esse pacote todo?). Assistimos ao vivo cada acontecimento, apuramos os fatos assistindo televisão e Youtube e escutando podcasts. Olhamos as imagens estarecidos diante o fanatismo e terrorismo da extrema direita.

No momento em que você está lendo este texto, aparecem novos fatos todos os dias. Ainda assim, posso te dizer que sou uma otimista da democracia. Ela vai sobreviver (é verdade esse bilhete). Existem muitas pessoas lutando para que a democracia continue firme e forte, e assim espero que no futuro, tomara que não distante, eu possa voltar a usar a camiseta amarela da seleção, a bandeira do Brasil e o uso do amarelo e verde.

Escolhi o livro "O dia em que a poesia

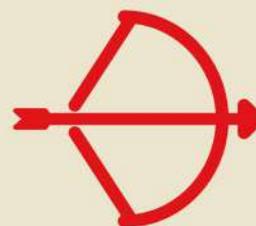
derrotou um ditador" do chileno Antonio Skarmeta, e o motivo é que, ao assistir as cenas mostradas de forma exaustiva, não saía da minha cabeça esse livro. Essa veia otimista me fez ter a imagem viva do livro. E afinal, o que narra esse livro? Calma, vou te contar. No Chile, nosso vizinho latino americano viveu a ferida da Ditadura Militar entre 1973 e 1990. Essa ferida durou 17 anos e deixou eternas marcas. A Ditadura Militar vivida no Brasil durou alguns anos a mais, são 21 anos para ser mais exato. E diversos países da América Latina viveram as suas ditaduras, entre elas: Brasil (1964-1985), Chile (1973-1990), Argentina (1976-1983), Uruguai (1968-1985), Bolívia (1964-1982) e Paraguai (1954-1989).

O livro "O dia em que a poesia derrotou um ditador" narra a história de um rapaz chamado Nico que é filho do professor Santos que leciona Filosofia. O professor Santos leciona em uma escola tradicional de Santiago e tem como um dos seus alunos o próprio filho. Acredito que esse foi um dos motivos pessoais para o impacto dessa obra. Sou também filha de professor de Filosofia e História. A diferença é que nunca fui aluna do meu pai e ele nasceu dois anos antes de estourar a Ditadura no Brasil (pai desculpa entreguei

a sua idade). A narrativa é o “desaparecimento” do pai que ao longo de anos é perseguido pelo governo por sua luta em prol da democracia.

E em 1988, portanto quinze anos sobre o governo de Pinochet, é a hora de um plebiscito sobre a permanência ou não do Ditador no comando do Chile. E a oposição que nunca descansou e esmoreceu diante do Ditador agora tem chance de realizar a sua campanha para redemocratização, direito ao voto e escolha do seu Presidente. Como nem tudo são flores, o tempo disponível na televisão será de 15 minutos. Eis que o publicitário Adrian Bettini criará uma música em prol da democracia que se torna o hit do momento. E a escolha da música era com esse objetivo.

E o que esse livro apresenta em comum com a realidade brasileira? Representa o possível retorno do facismo e a construção de um golpe que poderia culminar na Ditadura Militar. E a nossa música foi a união de diferentes partidos políticos em uma frente ampla. Se fez necessário deixar de lado as “ vaidades ” e as brigas antigas. A união tornou possível a derrota do golpe. Seria a união de pessoas diferentes e com o mesmo objetivo a nossa música? (divagações de uma leitora). Aliás, podiam criar uma música para representar esse projeto de esperança. (Alô, compositores). E vamos juntos, juntas e juntas engajar em prol da leitura, arte e cultura que podem ser essa poesia nos nossos dias e a esperança de que a democracia não vai para a UTI. Então vamos juntos nessa jornada ou caminhada acreditando que o único caminho é sim a DEMOCRACIA.



ial cults
gyptian
during
(C). The
selves;
gods.

f sacred
lers and
of a
ion to
eteries
rs of
al deity,
ground
e



FOTO 3: GATOS EGÍPCIOS:
https://super.abril.com.br/wp-content/uploads/2018/07/577159020e216345751ad175british_museum_-_egypt_mummies_of_animals_-4423733728.jpeg



Gatos, Necrofilia e o Brasil Atual

Ricardo Luigui Živko - Colunista

Há quem goste mais de cães, há quem goste mais de gatos. A minha intenção com este texto é falar de uma suposta característica das pessoas que não gostam de gatos, associando ela ao conceito de necrofilia de Fromm e ao Brasil atual.

Os cachorros são conhecidos por serem alegres e obedientes. Eles sentam, deitam, rolam, pulam e dão a patinha na hora em que o seu dono mandar. Já o gato é visto como desobediente e rabugento, é o dono que faz as coisas na hora em que o gato pede.

Caso, o motivo para alguém gostar de cães, mas não de gatos, ou mais de cães do que de gatos, seja essa obediência, então posso continuar a minha suposição. Essa discussão gira em torno de como enxergar o outro, no caso da obediência, o outro é visto como alguém que precisa, necessariamente, obedecer. É uma relação de dominação, onde o dominante estende os seus desejos para o dominado, fazendo com que o outro seja igual a ele, ou (muito importante) igual a projeção dele, como ele desejaria ser, mas não consegue.

Na relação descrita, o outro é totalmente desprezado ou ignorado. Seus ideais, características, desejos, aspirações são totalmente desprezados. O outro, tão rico de vida, é reduzido a um objeto, algo

inanimado que serve apenas para a ação do ego de alguém. Por isso o título fala de necrofilia, quem se relaciona assim com os outros não gosta de pessoas, mas de coisas, de objetos sem vida.

Se eu gosto do cachorro, porque ele faz o que eu mando, na verdade eu não gosto do cachorro, eu gosto da maneira como eu me faço ver no cachorro. Um outro exemplo, quando um pai se sente orgulhoso por seu filho ter se tornado o "doutor" que o pai tanto sonhou, ele não está feliz pela conquista do seu filho, mas pela sua própria conquista, através do corpo do filho. Uma outra suposição para essa relação, é o sadismo, a satisfação em ver alguém obedecendo às suas ordens.

Logo, quando o gato não segue as ordens, mas prefere ser ele mesmo, permanecendo deitado na janela ou andando por telhados alheios, ele não é visto com bons olhos pelo dono. Quando ele reage de maneira violenta ao carinho do dono, a sua atitude é vista como ingratidão, "eu te dou tudo, comida, água, casa pra morar, e você retribui assim". Engraçado como a frase poderia representar uma relação pai/filho, talvez, porque a situação é exatamente a mesma. Alguns podem pensar que estou exagerando, como pode ser maldosa a

a tentativa de acariciar o próprio pet? Mas, não se trata de ser ou não uma boa intenção, se trata de respeitar o desejo do outro. Não seria esse desrespeito, a base do abuso sexual? Pensando em uma relação amorosa, a intimidade e a boa intenção, legitimam um estupro?

Pareço estar indo muito longe, usando exemplos extremos, mas a base de tudo continua sendo a mesma, em como enxergo o outro. Enxergo como alguém vivo, que tem os seus próprios desejos e o seu próprio tempo, ou como algo sem vida que deve se submeter aos meus desejos e ao meu tempo.

Agora, levando a discussão ainda além. Essa mesma visão está na base da história do nosso país, quando colonizadores europeus trouxeram a civilização para os nossos índios selvagens. Ainda hoje, tratamos este evento histórico como descoberta, e não como invasão, violência, genocídio, etc. Ainda hoje, os povos originários são vistos como sub-humanos, como uma espécie não evoluída que aspira roubar a terra das pessoas de bem e impedir o progresso da nossa nação. A questão indígena não está resolvida no Brasil.

Do mesmo modo, a escravidão no Brasil representa que os pretos eram vistos como sub-humanos. É impossível escravizar quem você considera seu semelhante, em outras palavras, na escravidão há, necessariamente, uma relação de superioridade. A religião, a dança, a música e os costumes que vieram de diferentes regiões da África, são vistos como vis e vão contra os costumes brancos e cristãos do brasileiro. Há racismo estrutural. A questão negra não está resolvida no Brasil.

É recente o caso de estupro de Mariana Ferrer. É recente a tentativa de contratação do estuprador Robinho. É recentíssimo o silêncio ensurdecido dos jogadores de futebol sobre o estuprador Daniel Alves, inclusive, há usuários do twitter, que desfrutando de sua anonimidade, prestam solidariedade ao jogador e acusam a vítima de querer fama e dinheiro, mesmo que ela tenha recusado o dinheiro e mostrar o rosto. A cultura do estupro continua, o feminicídio e o machismo também. A questão da mulher não está resolvida no Brasil.

Indígena, preto e mulher ainda lutam para serem ouvidos, mas por muitos são considerados coisas que devem ser submetidas a outras vontades. Orientação sexual, gênero, ritmo de trabalho, também são motivos para acusação e adequação.

O conservadorismo é a expressão máxima dessa necrofilia, porque, há de se pensar, quais valores devem ser preservados, ou melhor, os valores de quem devem ser preservados? Certamente não são os dos indígenas, os dos pretos, os das mulheres, os LGBTQIAP+, os da classe trabalhadora (apesar de ela achar que são os dela, devido a ideologia). Ou seja, trata-se, não de conservar, mas de excluir tudo o que pertence aos seres-inanimados, aos objetos dominados pela necrofilia de outros.

É essa necrofilia, essa intolerância ao outro, que rege parte do país atualmente, que rege o discurso do genocida foragido nos EUA: "A minoria deve se curvar à maioria." Entretanto, agora o presidente é outro, o discurso é outro: "Assumo compromisso de reconstruir o país e fazer um Brasil de todos e para todos", e a luta deve ser outra, não a de excluir, mas a de incluir. A luta deve ser pela diversidade. A luta será pelo direito a ser, pelo direito de viver.

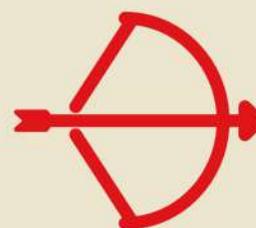




FOTO 4: AILTON KRENAK: Neto Gonçalves/ Companhia das Letras (DIVULGAÇÃO)

FOTO 5: CAPA DO LIVRO "FUTURO ANCESTRAL" (COMPANHIA DAS LETRAS): <https://m.media-amazon.com/images/I/7167C1OEP3L.jpg>



Confabulações em torno de "Futuro Ancestral", de Ailton Krenak

André Aires

"Futuro ancestral", de Ailton Krenak, é um brevíssimo livro lançado em 2022, pela Companhia das Letras. Trata-se de uma reunião de textos elaborados por Rita Carelli a partir das falas do líder indígena em diversos eventos ocorridos entre 2020 e 2021. Os temas são, portanto, extremamente atuais.

Krenak é apresentado na orelha do livro por Muniz Sodré como um "filósofo originário" que aproxima o pensamento indígena com "os modos especulativos europeus e outras cosmovisões tradicionais". Sobre essa brevíssima passagem, eu gostaria de levantar dois pontos. O primeiro procura questionar uma certa necessidade de legitimar as falas de Krenak a partir de um princípio que resume bem a nossa cultura ocidental – o do argumento de autoridade. Filósofo é um termo que remete à língua grega e aos gregos antigos, designa os amantes da sabedoria, os homens – na origem – e as mulheres interessadas na investigação racional da natureza, seus sujeitos, objetos e as relações que se estabelecem entre fatos, condutas, destinos, etc. Em entrevista concedida à ANPOF – Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia, o próprio Ailton Krenak recusa o título e diz não ter interesse na história da

da filosofia ou no campo da filosofia, na forma como o pensamento ocidental foi construído desde os gregos. Krenak não é um filósofo, ainda mais se considerarmos que nossa cultura só costuma atestar a qualificação de determinadas figuras a partir do diploma que sustentam nas suas paredes, se o título for concedido por uma instituição de gabarito. O que é uma elitização, claro, mas nem de tudo ruim – não sendo assim, como poderíamos contestar a autodenominação de Olavo de Carvalho também como filósofo? Óbvio que ele não foi. Krenak também não é. E não estou correndo o risco de comparar os dois. Krenak está muitos milênios a frente de qualquer charlatão intelectual porque seu pensamento tem peso e ressonância, tendo sido, inclusive, o primeiro indígena a receber, da Universidade de Brasília (UnB), o título doutor *honoris causa* pelo enfrentamento de ações contra os direitos dos povos originários e de proteção ao meio ambiente. Krenak é um sábio, um grande questionador, um pensador honesto, um orador corajoso e possui uma alma antiquíssima.

O segundo ponto sobre a apresentação de Sodré é que Krenak, apesar das óbvias comparações possíveis com o percurso argumentativo de Platão ou Sócrates,

jamais se curva ao pensamento europeu. Em uma breve passagem, o autor menciona o poeta português Fernando Pessoa e para por aí. Os demais citados que vêm dialogar com seu pensamento decolonial são: José María Arguedas, escritor peruano; Nêgo Bispo, pensador quilombola do Piauí; Conceição Evaristo, escritora e professora preta de Minas Gerais; Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana; José Mujica, ex-militante e ex-presidente do Uruguai, isso para citar apenas alguns. Não se trata de uma menção protocolar a intelectuais em recortes de gênero e raça a fim de cumprir uma tabela de representatividade, como virou moda entre muitos brancos, mas um diálogo que encontra eco justamente entre pessoas que compartilham experiências de mundo marginais, periféricas, desmembradas daquele discurso filosófico oficial: a história única contada pelos vencedores. Além disso, Krenak cita lendas e narrativas indígenas e iorubás para ilustrar lindamente seus ensaios, como acertadamente reconhece Muniz Sodré. Os textos reunidos nessa pequena coletânea terminam por ser, não escritos filosóficos e abstratos, mas manifestos que sempre apresentam uma recusa e uma proposta de ação para alterar a realidade vigente.

Convenhamos, o mundo não está nada bem. E Krenak decididamente se posiciona contra o envenenamento dos rios, "seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas", no ensaio "Saudações aos rios". E fala criticamente, sobretudo com a experiência da pandemia de covid-19, sobre "nossa acomodação psicológica no ambiente virtual" ou o uso de máquinas "como se fossem próteses do nosso corpo", em "Cidades, pandemias e outras geringonças". Também nesse capítulo, acrescenta um excelente debate sobre o domínio das cidades e do pensamento urbano sobre a floresta como um processo civilizatório, dicotômico, violento e higienista. A visão de Ailton Krenak está longe de se mostrar contrária ao progresso, mas problematiza o espaço dos grandes centros como ambientes hostis à vida, principalmente à vida em coletividade, já que a propriedade privada aglutina toda a experiência em uma retórica da individualização. Essa é a

recusa. A proposta, como princípio do manifesto, é "reflorestar o nosso imaginário e, assim, quem sabe, a gente consiga se reaproximar de uma poética de urbanidade que devolva a potência da vida".

Em "Alianças afetivas", Ailton Krenak continua tecendo comentários contra o capitalismo como um cancro "incompatível com qualquer outra perspectiva de uso coletivo da terra". Não satisfeito em particularizar toda a existência, o sistema econômico vigente – que nunca se satisfaz e, por isso, precisa sempre fazer a manutenção de si mesmo, como um cadáver que se arrasta, – procura representar a vida apenas como uma experiência monótona, que se resume a suportar a rotina burocrática de trabalho, tantas vezes indigno, e a anestesiar qualquer músculo que se mova para transformar essa dada realidade. A cidade é o objetivo final da civilização que, desde as colônias, mensura o desenvolvimento de um povo a partir da régua da metrópole europeia. Quanto mais distante da referência cosmopolita e industrializada, mais sujo e primitivo.

O genocídio indígena é uma realidade nas terras chamadas de Brasil desde que o primeiro português pôs os pés por aqui. E até hoje!! Estou escrevendo essa resenha e, nas notícias da semana, li que uma disputa de terras motivou a morte a tiros de dois jovens indígenas da etnia Pataxó, na Bahia, um de 25 e o outro de 17 anos. Hoje é 21 de janeiro de 2023 e foi declarado estado de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional devido à "desassistência sanitária dos povos que vivem no território Yanomami", em Roraima. Estima-se que cerca de 500 crianças dessa etnia tenham morrido nos últimos quatro anos das chamadas mortes evitáveis, como subnutrição ou diarreia. O garimpo e o corte ilegal de madeira, além de destruir área verde e acrescentar alguns graus à nossa sensação térmica diária, afugentam a caça e matam os peixes. Segundo o Ministério da Saúde, são mais de 11.500 casos de malária na região, fora os casos de contaminação por mercúrio, devido novamente ao garimpo ilegal. Não é à toa que o recém-empossado Presidente Luiz Inácio Lula da Silva criou, pela primeira vez em 523 anos, o Ministério dos

Povos Originários, sob o comando de Sônia Guajajara, que na data de hoje disse que “a cada 72 horas, uma criança ou idoso Yanomami está morrendo”. Note-se que isso é sabido, ainda que o governo anterior tenha militarizado a FUNAI, desmobilizado o IBAMA e se esforçado muito para omitir a divulgação de dados oficiais. Mesmo assim, o genocídio indígena é assunto que Ailton Krenak nem chega a comentar em seu breve livro. A tragédia Yanomami anunciada nesse janeiro pode acabar surgindo nas próximas falas do autor, nos próximos eventos a que for convidado e figurar no próximo livro. Mas não dá para pensar em futuro sem trazer o duradouro e continuado extermínio indígena para o centro do debate. A extinção dos povos originários grita diretamente com a nossa capacidade de empatia e humanidade.

Em “Futuro Ancestral”, a proposta de Krenak é a de “imaginar cartografias, camadas de mundos, nas quais as narrativas sejam tão plurais que não precisamos entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de fundação”. Ou seja, seu objetivo tende mais a minimizar os efeitos do epistemicídio indígena.

Nos termos de Boaventura de Sousa Santos, epistemicídio é toda ação orquestrada a fim de concretizar intentos colonialistas e que buscam destruir formas de saber locais, inferiorizar os diferentes e desperdiçar a riqueza de perspectivas, a diversidade cultural e as múltiplas visões de mundo. A professora e filósofa Marilena Chauí, também citada por Krenak em seu livro, frequentemente discute os conceitos de cultura e civilização, isto é, o critério que mede o grau da vida civil de uma sociedade. Na modernidade capitalista, a forma da sociedade e da política é imanente, ou seja, tudo aquilo que nos define enquanto contrato social vem de dentro, é um modelo de lei que buscam justificar a sociedade mesma, e os aparelhos criados pela burguesia para organizar a manter a sociedade tal qual ela é visam à geração de uma ideia de indivisão, onde, por exemplo, “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”. Ora, não é a natureza que escolhe alguns para serem levados à morte por subnutrição, pneumonia, malária e contaminação por mercúrio. Isso é falta de política pública, para não dizer

“A extinção dos povos originários grita diretamente com a nossa capacidade de empatia e humanidade.”

que é um projeto mesmo. Krenak quase desenha para a gente entender que “Se você tira um Yanomami da floresta, onde ele tem água, alimento e autonomia, e bota em Boa Vista, isso é produção de pobreza”. Os dados estão aí. Então a primeira falácia da chamada democracia burguesa é a criação da propriedade privada e da sua utilização como sustentáculo da própria forma capitalista de sociedade, a partir dos discursos igualmente falaciosos da meritocracia e da universalidade.

Claro que recentemente também vivemos um grave atentado à democracia com a invasão da Praça dos Três Poderes em Brasília e a depredação de prédios públicos, como o Congresso e o Supremo, mas aquela gente fanática não critica a democracia burguesa, a fim de constituir uma forma de sociedade mais abrangente e inclusiva. Essa é a diferença entre a miséria intelectual golpista e o debate crítico e honesto a um modelo democrático que atua para ocultar as diferenças, moderar os conflitos, apaziguar os ânimos e aplicar arbitrariamente as punições.

Ailton Krenak nem chega a propor uma forma de superação da democracia burguesa, como um bom manifesto admitiria, mas é ácida e decisiva a forma como ele se coloca contra essa falácia universalizante. Ácida porque ilustra: “Se tiver uma faixa ‘DEMOCRACIA, ENTRE’, é bobagem, você vai entrar e levar um soco na cara”. Decisiva porque é revolucionária a compreensão do progresso histórico da humanidade como um caminho contraditório, o que já se expressa no título

do seu livro. Como é possível um futuro ancestral?

Marx e Engels começam o “Manifesto do Partido Comunista”, de 1848, falando que a história de todas as sociedades que existiram (a partir das sociedades marcadas pelo desenvolvimento da escrita) é uma história de lutas de classes. Se existe uma sociedade de classes, então existem a exploração, a ganância e o conflito. A essência dessas sociedades é a divisão e a desigualdade. Na origem, porém, nesse campo da ancestralidade, os povos originários vivem em modelo de sociedade como uma comunidade indivisa. Internamente todos os bens são comuns, os membros estão sempre numa relação imediata, sem intervenção do Estado, e compartilham um sentimento de unidade. Nesse contexto, há mitologias e não ideologias, ou seja, os fatos da vida recebem uma explicação transcendente, que legitima a política e a comunidade mesma. É desse lugar que Ailton Krenak parte para selar seu texto com fábulas que não se relacionam em nada com o discurso científico, mas que tampouco competem com o esclarecimento e o avanço da tecnologia porque não é negacionismo, mas uma justa elevação de diversas narrativas originais a um lugar de destaque e beleza. Conforme Érico Andrade, professor da Pós-graduação em Filosofia da UFPE, essas histórias e vivências narradas dão contorno à visão de mundo de Krenak e sobretudo marcam a distinção entre a tradição filosófica europeia, ocidental, e as confabulações que constroem as formas ameríndias de experienciar o mundo, viver a floresta. Krenak afirma que vem de um universo em que os seres confabulam e esse modo de pensar é coletivo, implicado e foge muito da lógica e da razão que estabelecem a posição do filósofo na sociedade.

Com um retorno pelas mesmas águas do Watu, refazendo o caminho sinuoso do rio, remando de maneira compassada, com calma e harmonia, Ailton Krenak sustenta que precisamos ver o mundo de modo distinto, a fim de possibilitar um futuro ancestral para todos. “Futuro Ancestral” é para todos mesmo: leitura fluida, linguagem simples, instigante, marca desta grande liderança política que é o seu autor, o militante histórico das causas

ambientais, o ativista fabulador de tantas narrativas, o guerreiro que invoca à terra e pinta a face de preto enquanto discursa na Assembleia Constituinte de 1988, para defender os interesses e a vida dos povos indígenas.

O movimento que Ailton Krenak propõe não é decadente e abstrato como o das filosofias europeias da segunda metade do século XIX que, a fim de não encarar honestamente as contradições do sistema capitalista, bem como a necessidade de superá-lo, decidiram se refugiar em uma sorte de passado edênico e primordial, que jamais voltaria. E, claro, também não é aderente a perspectivas pós-modernas que defendem, novamente para adiar o fim do capitalismo, o fim da história, como se tivéssemos alcançado o momento mais profícuo do desenvolvimento humano, tanto que, a partir deste ponto, não há mais para onde seguir. O Futuro é Ancestral e essa afirmação é fundamentada na razão que observa a história indígena, sua luta, sua resistência, e reconhece que os povos originários padecem, mas não sucumbem. É uma visão realista e otimista, porque disto também precisamos, além de revolucionária, de que o tempo não é dicotômico, e o futuro se constrói a partir de algo que já conhecemos e já tocamos. Nesse sentido é bom ter um longo passado pela frente.



SOBRE O AUTOR

André Aires é doutor em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília e professor substituto do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Administra o perfil literário no Instagram @leituras.perifericas.

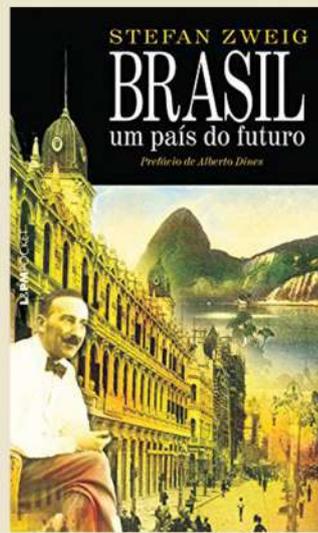
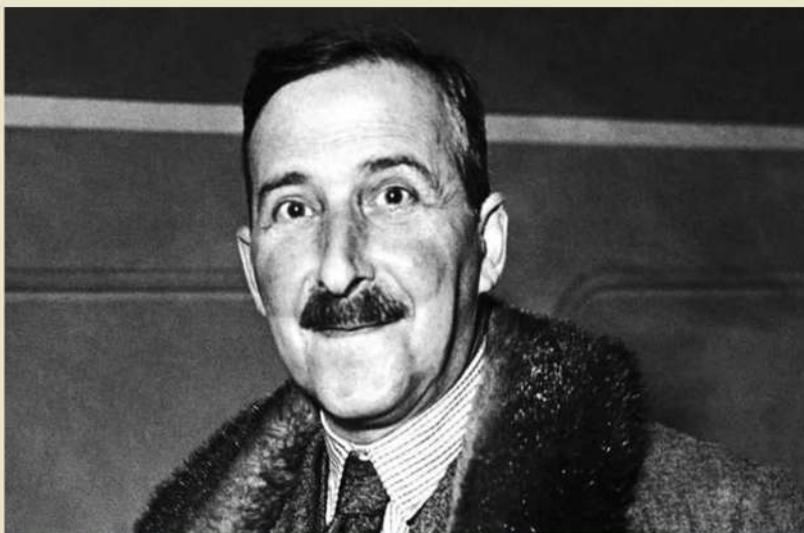


FOTO 5: STEFAN ZWEIG: https://imgsapp2.correiobrazillense.com.br/app/noticia_127983242361/2015/03/11/474872/20150310171654657845e.jpg
FOTO 6: CAPA DO LIVRO "BRASIL: UM PAÍS DO FUTURO", DE STEFAN ZWEIG (L&PM): <https://m.media-amazon.com/images/I/51ujPIESTL.jpg>



Do Passado ao Futuro: A melancolia de um país preso no presente

Caio Paiva Ribeiro - Colunista e Editor

"O que é o Brasil?" Eis a pergunta que encabula o continente europeu desde os primórdios de sua chegada a esta terra. A verdade é que a Europa se fez incontestavelmente centro do mundo ao lançar-se à busca frenética e incessante pela expansão e pelo enriquecimento, esta sempre acompanhada de uma enorme soberba e de um grave etnocentrismo. Verdade maior ainda é que Portugal nessa corrida pelo acúmulo de metais preciosos, insígnia-mor da riqueza durante o período mercantilista, estava certamente atrasado e enrascado em seus empreendimentos, pois seu rei à época D. Manuel I estava profundamente endividado com os custos que representavam as muitas navegações e expedições. É então com grande esperança e presumivelmente a caminho das promissoras Índias que parte a expedição do Capitão Pedro Álvares Cabral que acabará aportando nas praias de um território ainda não desbravado pelos audazes exploradores portugueses e gerando o primeiro e mais famoso relato escrito da Europa sobre o que aqui se encontra: a carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal, na qual narra o "achamento desta vossa nova terra".

Esta versão da História é, porém, há muito já contestada, uma vez que

especulam diversos historiadores que a Coroa já tinha conhecimento desta terra e que as embarcações tinham zarpado de Portugal com esta parada planejada em sua rota. Para minha surpresa, não foi em um livro sobre o passado que me deparei com a contestação, mas sim em um livro que busca capturar em suas páginas a essência do que ainda não passou. A leitura em questão trata-se do relativamente pequeno "Brasil, país do futuro" do biógrafo e romancista austríaco de Stefan Zweig, no qual tenta, assim como fez Caminha em 1500, responder já no ano de 1941 à fatídica pergunta exposta nas primeiras linhas deste texto. Apesar de constatar-se de início fortes similaridades entre a natureza dos dois escritos, já que ambos foram escritos por europeus que aqui aportaram e se encantaram de alguma forma pelo que nesta terra encontraram, são em suas diferenças que estão situadas as razões para ser o texto de Zweig tão mais interessante que a do tripulante da expedição de Cabral, entre as quais ressalto apenas a seguinte: enquanto o português vinha até aqui em procura de vastas e fartas riquezas encontrando em vez disso um povo e um ecossistema essencialmente alheios a todas suas pretensões, aquilo que o cidadão austríaco

desesperadamente visava ao desembarcar nos portos brasileiros era nada mais do que prestar uma breve visita a uma nação que tivera falhado em qualquer momento anteriormente em estar no centro de suas atenções tendo lhe deixado, na verdade, a nova localidade uma forte impressão perante a qual, já sabia desde os primeiros dias em que aqui aportou em 1936, precisaria escrever sobre para compartilhar com o resto do mundo a mudança que dentro de seu espírito se operara. Por isso, quando a guerra que fora precedida por muitos anos de ódio e ressentimento explodiu na Europa e o governo brasileiro lhe oferece em troca de suas impressões na forma de um livro o visto de residência permanente, agarra o escritor a oportunidade de ouro com unhas e dentes.

Definitivamente não foi sem preparo que Zweig encarou sua mais nova empreitada, posto que aliado às descrições finas e quase sempre literárias de suas experiências estava munido de uma forte pesquisa e leitura sobre aquela terra por ele recém-descoberta. De início, porém, relata o próprio autor de como não estava isento em sua condição de europeu do profundo preconceito que leva o estrangeiro (em especial o europeu) a impor jocosamente ao Brasil a alcunha de “país do futebol” ou então “país do carnaval”, as quais, porém, nós sempre aceitamos sem desanimar ou ressentirmo-nos com o que é claramente uma forma de classificar este território e seus habitantes como não sendo “sérios”, i.e., como incapazes, incompetentes e indignos de gerir tão vasta riqueza natural quanto à que temos acesso quase que imediato. Em suas palavras o Brasil é para a maioria dos estrangeiros que o desconhecem pessoalmente (e neste grupo inclui também os norte-americanos): “uma daquelas repúblicas sul-americanas que não distinguimos bem umas das outras com clima quente e insalubre, situação política instável e finanças em desordem, mal administrada e onde apenas as cidades litorâneas são relativamente civilizadas, porém geograficamente belo e com muitas possibilidades mal aproveitadas — um país, portanto, para emigrados desesperados, mas de modo algum um lugar do qual se

possam ter estímulos intelectuais.” Mais duro do que ler estas palavras escritas de forma tão abertamente clara, é saber que ainda hoje haverá muitos brasileiros e brasileiras que ao lê-las concordarão com quase tudo que está aí escrito; porém Zweig se recusa a admitir, depois de ter visto com os próprios olhos este país que segundo ele ainda é um mistério quase tão grande para o resto do mundo quanto no tempo das grandes navegações, que esta é uma representação justa do que aqui encontrou. Relata ele, na verdade, que foi obrigado diante do que aqui viu de redefinir fundamentalmente aquilo que para ele significava as palavras “civilização” e “cultura”, sendo não mais possível para ele associar a estas duas palavras as noções de “organização” e “conforto”.

O motivo dessa virada que se deu em seu espírito tinha raiz na radicalidade do estado no qual se encontrava a Europa: aquilo que deveria o ápice da civilização e do desenvolvimento se transformado no mais claro estado de violência e decadência, à época em que o livro foi escrito, mais evidente do que nunca. A loucura das raças e da superioridade racial ainda infestavam as mentes e os corações do seu povo e tinham expressões cada vez mais horrendas, mesquinhas e cruéis, cujo desfecho que hoje conhecemos tão bem Zweig não poderia enquanto judeu sequer imaginar. Já no Brasil, porém, percebeu o autor que essa verdade a qual se tornava para ele cada vez mais chocante já era conhecida há muito tempo pelos seus habitantes que sentiram de forma mais que direta em suas vidas os efeitos do que a loucura imperialista, racista e colonialista fora capaz de fazer arrancando os gritos e as lamentações dos habitantes desta nação, cujos ecos reverberam quase que imperceptivelmente no cotidiano daqueles que hoje a habitam. Por essas e diversas outras razões, o tema da raça e da descendência não despertava e, em certa medida, ainda não é capaz de despertar no imaginário do brasileiro a mesma paixão acalorada da qual era mais do que capaz lá no continente europeu, onde livros e mais livros eram escritos e discursos e mais discursos proferidos sobre a situação racial do povo de cada país. A surpresa deste autor jazia principalmente no fato de que, ao contrário de tudo que lhe fora dito com

profunda convicção por diversos ideólogos da Europa, o Brasil não passava em decorrência de sua situação racial por um estado de calamidade, muito menos de desorganização, tampouco de decadência: era uma nação em desenvolvimento, em crescimento, em marcha; não estava preocupado com o tema da raça e sua consciência e identidade nacionais não se pautavam fortemente nesses preceitos além de ter a ideia de guerra quase que ausente do imaginário cultural, o que para alguém que deixa a Áustria como se encontrava nos anos anteriores à Segunda Guerra torna-se quase que incompreensível ainda mais em um país onde diversidade étnica e racial se fazia presente todos os dias.

Por essa e diversas outras razões Stefan elegeu o Brasil em seu livro como “um país do futuro”, pois que em face da iminente destruição da Europa em suas pretensões suicidas estava lá de pé o Brasil que, apesar das muitas penúrias pelas quais passaram e seguem passando seus habitantes, não perdia aquele brilho no olhar, aquela felicidade em poder desfrutar das coisas prazerosas da vida, aquele calor e receptividade aos visitantes, aquela forte disposição a recriar-se, reinventar-se, redefinir-se se assim for necessário para que a vida continue tranquila, sossegada e deleitosa; aqui não conseguia senão enxergar a cristalização da esperança. Certamente há um forte quê de romantismo no discurso de Zweig que não poderia se dar de outra forma, visto que era verdadeira a paixão que este nosso modesto país despertara na alma daquele insólito europeu em busca de um alento para suas profundas mágoas e seu desenfreado desespero, como tem o costume de fazer com o coração de grande parte dos estrangeiros que tira de seu tempo um momento para nos visitar. Não ache por isso, porém, o leitor que a visão de Zweig (cujo sobrenome se deve pronunciar lendo o “z” como um som de “ts”, o “w” como um som de “v” e o “ei” com um som de “ai” de acordo com a ríspida fonética do idioma alemão no qual o livro foi originalmente escrito: “tsvaig”) é de modo algum ingênua ou mesmo desinformada. A leitura que apresentei é certamente a tese mais marcante do livro que, escrito com doses baixíssimas de

“Certamente há um forte quê de romantismo no discurso de Zweig que não poderia se dar de outra forma, visto que era verdadeira a paixão que este nosso modesto país despertara na alma daquele insólito europeu...”

de cinismo e um alto grau de eloquência, não poderia se furtar à oportunidade de ser além de um canto de louvor elogioso, também uma carta de amor a um país que cativara a poética desse exíguo autor. Porém não julgo essa tese como sendo a central exposta em seu livro, tampouco a principal contribuição que ele pode nos deixar para que possamos nos compreender mesmo que a partir do olhar daqueles que enxergam de fora.

Com efeito, é em sua análise minuciosa da evolução histórica e da organização econômica desse país, trechos deste livro que são de indelével leitura a qualquer um que se julgue interessado por compreender o que não conseguiu ou tem conseguido compreender através do que nos é exposto nas escolas e que por si sós já fazem valer a sua leitura, que Zweig acaba deixando escapar o ponto-chave que surge na análise da consciência do povo que aqui habita. Em face de tantos desastres humanitários, tantas mazelas sociais, tantos maus-tratos e invasões, o Brasil aqui compreendido não anacronicamente, mas sim como o produto da colonização portuguesa, escravização africana, extermínio indígena, tentativas de domínio francesa e holandesa e posterior imigração em massa houvera se tornado em sua mais basilar dimensão uma nação melancólica, visto que por ter sido a gente daqui privada de seu passado ancestral de uma forma ou de outra e, por sempre e continuamente enxergar-se presa em um presente sempre repleto de penúria e sofrimento, é no futuro que o brasileiro enxerga a sua possibilidade de triunfo, o seu dia de

glória, a sua hora e a sua vez de fazer valer os sonhos que fervilham em seu íntimo. Isso se reflete também na constituição dos ciclos econômicos da organização produtiva brasileira que oscilava sempre em busca de atender às demandas nada razoáveis do mercado internacional capitalista ora focando-se no extrativismo, ora na monocultura a fim de fazer valer os sonhos não apenas dos colonizadores, mas também dos poucos que já notavam que para aquela terra não havia passado para o qual se pudesse retornar, pois este já fora quase que por completo tragicamente dizimado. Por isso, critica o romancista em sua obra todos aqueles que em sua história veem o Brasil como um recurso a ser explorado imediatamente como no caso das coroas portuguesa e espanhola e dos bandeirantes paulistas, enquanto tece longos elogios àqueles em que nascia nesta terra uma sede de futuro e em cuja consciência germinavam projetos de futuro para esta nação sempre em perene desenvolvimento como era o caso dos jesuítas e dos invasores holandeses.

É já em sua análise cultural do Brasil que notará Zweig que desde os primórdios da experiência brasileira já notaram os famosos jesuítas padre Anchieta e padre Cardim em 1585 os germens do que viria a se tornar a consciência dessa nação constituída de retalhos étnicos, geográficos e econômico, pois estes mesmos já chamavam esta terra de "desleixada e remissa e algo melancólica", donde dizer o autor que o brasileiro é em sua impressão "um tipo quieto, sonhador e sentimental". Desta melancolia sempre presente é que o brasileiro desenvolve então sua necessidade de futuro, mas também sua amabilidade e sua hospitalidade. O que impulsiona o brasileiro a seguir seus sonhos, a perseguir seus impulsos não é uma necessidade mesquinha e individualista de aumentar suas propriedades ou tornar-se mais rico que seus vizinhos, impulsos observados amplamente na Europa entre as suas nações constituintes e também nos Estados Unidos entre os seus cidadãos, mas sim a vontade de conseguir uma boa vida, de gozar do que o mundo tem a oferecer e de compartilhar essa felicidade com aqueles ao seu redor. Por isso, identifica nos estereótipos das vontades de

"rápido enriquecimento" e "amor pelo jogo" que o brasileiro possui, inclusive sobre si mesmo, não como tendo uma origem na mesquinhez ou no egoísmo, mas sim na compaixão e no companheirismo que a ideia de prosperidade dentro das fronteiras do Brasil exige. Por esta razão, seu relato sobre o amor do brasileiro ao onipresente jogo do bicho e à participação religiosa em loterias toma significação positiva e não negativa, uma vez que as discussões apaixonadas com o que fazer com o dinheiro dos prêmios presentes nas casas dos brasileiros desde aquela época entre os mais diversos estratos da sociedade representariam a paixão que habitante desta tem pela vida em comunidade com seus semelhantes, estes que não se definem de jeito nenhum pela raça, mas mais pela compaixão, pelo sofrimento em comum.

As crônicas que se seguem relatando as viagens do autor ao Rio de Janeiro, capital da beleza, a São Paulo, capital da velocidade e à Bahia (o autor contraiu o popular hábito local de chamar a cidade de Salvador pela sua alcunha "a Bahia"), viúva do passado, são de clima muito pitoresco e sua leitura traz um deleite que fazem todos desejarem dar alguns passos para dentro do mundo de um estrangeiro conhecendo o Brasil pela primeira vez. Porém nelas vai se tornando mais e mais clara uma verdade oculta em toda obra que até mesmo Zweig não poderia antecipar: ele carregava ainda dentro de si os resquícios das sementes que fizeram germinar as ervas daninhas racialistas que à época empestevam a Europa. O livro é infestado de um determinismo geográfico que impõe àqueles que moram aqui uma vida mais relaxada e sem grandes obstinações em decorrência do clima um pouco mais quente e um racismo tácito (a palavra se encontra ausente de toda a obra) que apaga toda a história dos outros povos não-europeus que constituíram o que hoje se chama de Brasil por meio do qual estes são dessubstancializados e dessubjetificados a ponto de se tornarem mero pano de fundo para personagens brancos e de ascendência europeia. Ainda assim, vemos críticas de Zweig à constituição fundamentalmente segregadora do Brasil, sem, contudo,

perceber em sua fala a possibilidade de transformação dessa situação degradante, uma vez que elogia a harmonia com que essas classes sociais convivem sem grandes brutalidades. Ora, hoje sabemos mais do que nunca que essas diferenças e segregações não foram se dissipando ao longo dos anos, como esperava Zweig, mas foram na verdade se agravando e a guerra, a brutalidade e a violência que ele tanto afirmava abominar e não enxergar no Brasil estavam também lá presentes e estão cada dia mais aqui em nosso tempo também.

Mesmo em face disso, não temos como condenar toda a obra de Zweig como obsoleta e defendo avidamente que aquele que se prestar a lê-la, se munido das devidas ferramentas críticas fornecidas por críticos mais contemporâneos como Darcy Ribeiro e João Ubaldo Ribeiro, não perderá com sua leitura, mas apenas ganhará com os relatos e formulações acerca da pergunta feita logo de início "O que é o Brasil?" lavradas por este austero austríaco que por nosso país se apaixonou. Como encerramento reproduzo aqui suas últimas palavras escritas antes de suicidar-se juntamente a sua esposa Lotte em sua recém-adquirida residência em Petrópolis apenas oito meses após a publicação de seu livro:

"Cada dia eu aprendi a amar mais este país e não gostaria de ter que reconstruir minha vida em outro lugar depois que o mundo da minha própria língua se afundou e se perdeu para mim, e minha pátria espiritual, a Europa, destruiu a si própria.

Mas para começar tudo de novo, um homem de 60 anos precisa de poderes especiais e meu próprio poder desgastou-se após anos vagando sem um assento. Por isso, prefiro terminar a minha vida no momento certo, como um homem cuja obra cultural foi sempre a mais pura de suas alegrias e também a sua liberdade pessoal – a mais preciosa fruição neste mundo.

Deixo saudações a todos os meus amigos: talvez vivam para ver o nascer do sol depois desta longa noite. Eu, mais impaciente, vou embora antes deles."

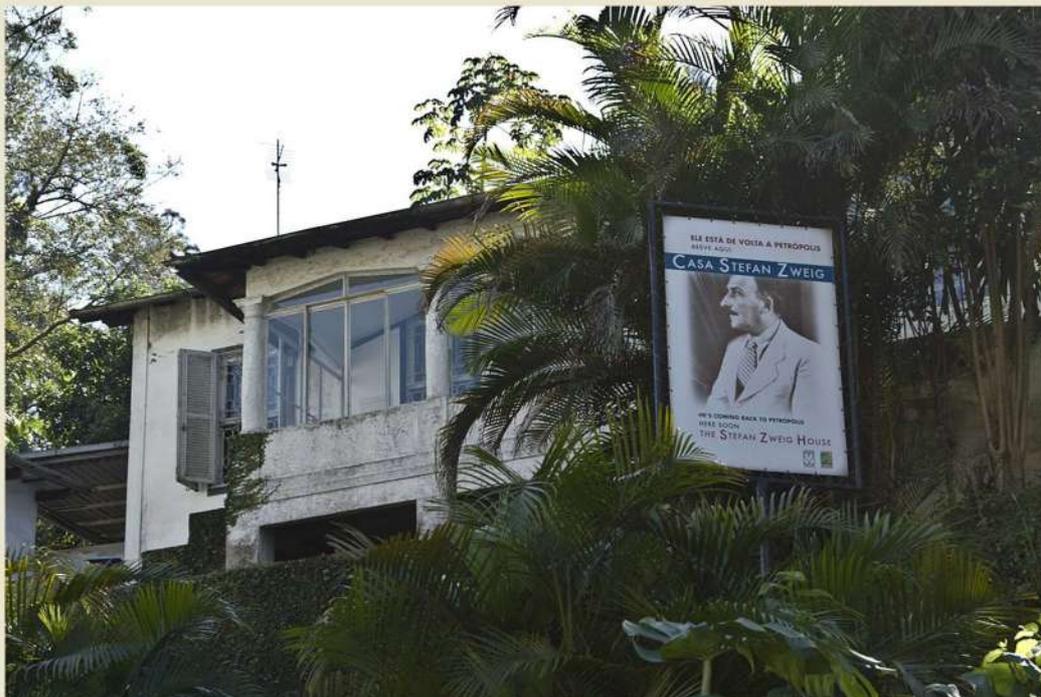


FOTO 7: CASA STEFAN ZWEIG:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/59/Casa_Stefan_Zweig_in_Petropolis.jpg/1200px-Casa_Stefan_Zweig_in_Petropolis.jpg



FOTO 8: DESIGUALDADE SOCIAL, DE SÉRGIO MORAES/ REUTERS:
<https://www.politize.com.br/wp-content/uploads/2022/03/desigualdade-social.jpg>



Relatos desesperançosos (motivadores de luta por dias melhores)

Pedro Henrique Rodrigues - Colunista e Editor.

Relato I - Desejo de Natal

Repórter: Como tem sido a situação da senhora para esse Natal?

A senhora é na verdade uma moça com cerca de 20 anos, vestida com short de lycra, blusinha colorida e chinelas gastadas. No rosto, a fisionomia de quem passa por necessidades básicas. O cabelo bagunçado num coque frouxo. No colo, a filha sujismunda.

Mulher: Olhe... tem sido difícil. A gente que não tem estudo, é difícil arrumar emprego. Daí é sofrido porque sem emprego nós não temos dinheiro e sem dinheiro não podemos comprar as coisas.

Repórter: A que coisas a senhora se refere?

Mulher: Tudo, né, moço? Dói muito chegar em casa e filho da gente perguntar se tem comida e a gente não poder falar que tem.

Repórter: E a senhora está passando por uma situação de fome?

Mulher: Sim - a moça faz uma pequena pausa para um inspirar e expirar desolador enquanto olha para o nada - Difícil demais.

A senhora ajusta a criança no colo. A voz estava permeada por um tom lacrimoso que esperava apenas um milagre para reverter a situação.

Repórter: Qual o maior desejo da senhora?

Mulher: Arrumar um emprego de carteira assinada, né, moço? Filho chegar e falar -Mãe, tem bolacha? -Tem, filho!; -Mãe, tem leite? -Tem, filho!; Mãe, tem isso? Tem, filho. Era isso que eu queria.

Repórter: Desejo boa sorte à senhora e um Feliz Natal. É isso, Mariana (Mariana é a apresentadora do telejornal)!

Não seria com o repórter que ela iria fenececer a sua fome e a de sua filha.

Relato II - Inimigos visíveis e invisíveis

Homem em live no Instagram: Olá, meus amores! Como está indo a quarentena? Está bem difícil, não é mesmo? Aquela agonia da espera da vacina, aquela repulsa do negacionismo, aquela tristeza de tantas mortes que poderiam ter sido evitadas...Vejam bem, fiquem EM CASA! Saiam somente se necessário. A vacina ainda não está disponível no Brasil e qualquer um pode pegar a doença e morrer. Crianças, jovens, saudáveis, atletas! Todos os dias são centenas e centenas que morrem, são colocados em sacos plásticos e enterrados sem um funeral de despedida! Não posso pegar de jeito nenhum, se eu pegar eu morro. É um sentimento muito forte dentro de mim. Toda semana eu testo, mesmo estando isolado. Ainda assim fico sempre nervoso com o resultado. Como falei, se eu

pegar eu morro. É um sentimento muito forte dentro de mim. Toda semana eu testo, mesmo estando isolado. Ainda assim fico sempre nervoso com o resultado. Como falei, se eu pegar, eu não vou sobrar para contar história. Já tentei viajar para qualquer lugar em que a vacina já estivesse disponível mas infelizmente não aceitam a entrada de brasileiros. Esse desgoverno não trabalha para disponibilizar a vacina para a gente e cada dia que passa é um milagre. Tenho filhos pequenos e quero muito poder viver para ver as crianças crescerem. Ontem mesmo assisti uma reportagem de uma filha que enterrou o pai numa semana, a avó na outra e ontem enterrou a mãe. Não pode nem se despedir. Caixão lacrado. Pior que se sentia culpada porque tinha que encarar multidões do transporte público para ir trabalhar e talvez ter sido quem passou o vírus para eles. Vejam só que tragédia...que tristeza! Fiquem em casa! Usem máscara e álcool em gel! Governo: traga a vacina já! Um abraço, meus lindos! Se cuidem!

Postagem no Instagram após cerca de 8 meses da live: Hoje é dia de festa no Céu! Infelizmente Papai do Céu decidiu que era hora de levar um anjo dele de volta! Aqui fica a saudade do marido, dos filhos, da família e dos fãs. Resta agora o desejo de lutar por uma vacina que esteja disponível para todos nós de forma que nenhuma outra família passe pela dor e sofrimento que estamos vivendo. Sua morte não será em vão!

Relato III - Balões vermelhos

"Parabéns para você
Nesta data querida
Muitas felicidades
Muitos..."

Tiros interrompem a cantoria e os presentes saem correndo desesperadamente. O aniversariante permanece no local e também troca tiros com o estranho que veio trazer a morte como presente de aniversário. O mesmo estranho com quem tinha discutido momentos antes da troca fatal. No dia em que comemorava seu nascimento, encontrou a sua morte entre mesas de plásticos, balões e decoração vermelha. Rápida, violenta e cruel. Sobre as mesas, pratinhos plásticos descartáveis com mini

cachorros-quentes, coxinhas e bolinhas de queijo (alguns mordidos), copos descartáveis com guaraná, Coca Cola ou cerveja envoltos por gotas de águas escorrendo, indicando que está quente mesmo com os ventiladores acoplados, guardanapos temáticos (alguns sujos e amassados), tudo sobre uma toalha plástica prendida na mesa com fita crepe. A vela que ainda queima jaz sobre o bolo de aniversário que ninguém comerá. É possível ouvir a voz do desespero da esposa de quem se foi no meio do som de música que sai do rádio que animava o local. O criminoso está ferido, mas ainda vive e sua dor não é o suficiente para aplacar a alegria de ver aquele que se foi. **Motivação do crime: divergência política.**

Relato IV - O próprio algoz

Em pleno inverno europeu, os turistas estão cancelando suas reservas em estações de esqui pois não há presença de neve. O degelo das calotas polares seguem em ritmo alucinante. O fogo se alastra pelo Oeste estadunidense levando a morte em violenta fúria. Os animais invadem áreas urbanas. Os animais desaparecem do oceano. Muitos são extintos. Os relatos indigestos de níveis alarmantes de contaminação do ar, da água, do solo e dos seres vivos são rotineiros. Dois bilhões e cem milhões de seres humanos não possuem acesso à água potável. A natureza está cada vez mais silenciosa, como se preparasse para o grande ataque. Um ataque inevitável. Na terra que tem palmeiras onde outrora cantava o Sabiá, gorjeios e céus estrelados são histórias que ficaram para trás. Na grande floresta tropical amazônica, recordes atrás de recordes de desmatamento. Dizem que por isso há comida que alimenta o mundo todo, mas 33 milhões de brasileiros não têm o que comer. Os biomas desaparecem diante de nossos olhos e corpos sem reação. Água, solo, ar, flora e fauna enfrentam um futuro insólito. Mesmo que desejemos que Deus não permita nossa morte, esta terra onde outrora cantava o Sabiá irá inevitavelmente nos matar. Através do gatilho puxado por nós mesmos.

Relato V - Música para os ouvidos

Woman: Rio de Janeiro is a privilege, and I am even more privileged, because I have always lived looking upwards. Here I see things differently, as if they were closer to the sky. We have to go up an extra stairway to get up to this penthouse. We can see all the beauty of Rio de Janeiro from up here despite all the poverty. The Dona Marta slum over there has even changed colour. Nowadays it looks like a load of little colourful dolls houses. All colourfully painted. From here you can see the evolution that has occurred in Rio de Janeiro. The whole view has changed. These buildings didn't exist before. The view has changed a lot.

Man: You didn't have the flying bullets before.

Woman: They are beautiful! We have a free fireworks display almost every day!

Man: Flying bullets.

Woman: Rather tragic, but very beautiful! I don't know what goes on between these two gangs, but they exchange shots and the bullets are really colourful.

Man: They streak across the sky like rockets!

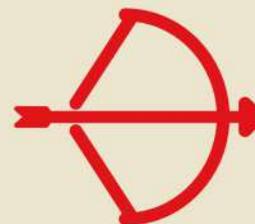
Woman: I was on the computer with my daughter on a Sunday afternoon recently, and I said "listen!". It was a shootout, with emergency service call outs. I knew it was an assault. It was on the pizza restaurant below us. Someone was shot dead. Even though we aren't physically close to this violence...

Man: 1km away...

Woman: We hear it as if it was on the corner. It's not a visual thing. It is literally heard. When you are up high you hear more, and end up participating in a way that people don't down below. This concept of 'sound' is very interesting, it's not just about what you can see. You experience sound intensely when you are high up.

Man: If you want a definition of a penthouse, I'll give you one. You remember the definition of an island that you learned at school? It's wrong. They tell you that an island is "a piece of land surrounded by water". They forget to tell you that there is also nothing above you. A penthouse is the same as an island, except it has another dimension. It's above everything."

Tradução livre de cena retirada do documentário Um lugar ao sol (dirigido por Daniel





Sobre a Revista O Odisseu e a missão de democratizar a literatura

A edição que você acabou de ler não custou nada para o seu bolso e a nossa missão é que seja justamente assim. Isso porque nós da Revista O Odisseu acreditamos que a literatura é um importante instrumento para a construção da memória nacional de um povo. Acreditamos tanto que nos dedicamos por dias e semanas para a criação de um conteúdo que seja de graça e que também seja de qualidade. Para isso, formamos uma equipe multidisciplinar, com colaboradores de todo o Brasil e também de diversas áreas profissionais. O que nos une é o amor aos livros.

Assim, conseguimos atuar de forma multimídia, pois estamos no Instagram, Spotify, como revista e em breve em mais redes sociais. Há dois anos estamos sendo bem-sucedidos nessa missão. São mais de 500 assinantes que recebem os nossos periódicos sem custar nada! E o que mais nos emociona são todos os relatos que recebemos.

Você também acredita no poder da literatura? Então saiba como nos ajudar!



Ao longo desses dois anos, a continuidade do projeto somente foi possível por meio da ajuda de diversos colaboradores. Caso possua interesse, veja aqui algumas formas de nos ajudar:

* **COMPARTILHE:** Mande a revista para os seus amigos, segue a gente no instagram (@o_odisseu) e marca a gente quando estiver lendo a revista.

* **SEJA UM MEMBRO DO APOIA-SE:** você pode contribuir com a Revista com valores acessíveis, como R\$ 5, R\$ 10 e R\$ 15. Segue o link: <https://apoia.se/revistaoodisseu>

Ou então,

* Manda aquele PIX pra gente de qualquer valor que ajuda muito!
Segue a chave: revistaoodisseu@gmail.com

Vem sonhar um mundo de livros com a gente!



Direção de conteúdo e revisão
dos textos: Aline Félix, Caio Paiva
Ribeiro, Ewerton Ulysses Cardoso
e Pedro Henrique Rodrigues.
Arte da capa: Maicon Aquino.
Diagramação: Ewerton Ulysses
Cardoso.